

## Pré-adolescentes, sexo e aborto

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Foi anteontem. Direto e reto. Helena queria saber que manifestação era aquela que estava acontecendo cheia de mulheres e o que, afinal, era aborto. Ela tem 8 anos e 8 meses e, de tudo que conversamos (sexo, gravidez indesejada etc etc etc), o que mais a deixou chocada foi o fato de haver quem abuse do corpo alheio sem permissão. “Por que tem gente que beija sem o outro querer?”, ela insistia em perguntar. Tão difícil de explicar... Tão difícil de entender! Para essa geração de meninas, o discurso do “meu corpo, minhas regras” é atitude prática. Mas, se são mais fortes na convicção, seguem mais frágeis no físico e, portanto, continuam vítimas fáceis. Na hora da conversa (apesar de não entrar em tantos detalhes) me lembrei de um livro que acabei de ler: *Garotas&Sexo*, da Peggy Orenstein, uma das maiores autoridades em sexualidade e juventude nos Estados Unidos. A obra, lançada há pouco no Brasil (Editora Zahar, R\$ 49,90), tem um capítulo todo sobre consentimento e estupro. Os dados são chocantes. Quase 5% das estudantes universitárias norte-americanas dizem que já sofreram estupro com uso de força física e mais de 10% relatam que alguém fez sexo não consentido com elas quando estavam “bêbadas, desmaiadas, dormindo, drogadas ou incapacitadas de alguma forma”. O álcool, aliás, rende uma discussão à parte quando a conversa com nossos filhos é sobre vulnerabilidade. Segundo Orenstein, a estimativa é de que 80% das agressões sexuais ocorridas nos campi universitários envolvam álcool e que 600 mil estudantes com idade entre 18 e 24 anos sejam feridos a cada ano sob influência do álcool, dos quais 1.800 morrem. Obviamente, embriagar-se torna uma jovem mais exposta ao risco de ser estuprada, mas isso não quer dizer que ela não tenha o direito de se embriagar sem ficar vulnerável. “Não digam às meninas que não bebam; diga aos estupradores que não estuprem”, reforça a autora. “Os ativistas estão corretos em dizer que a única coisa que 100% dos estupros têm em comum é um estuprador. Pode-se cobrir as mulheres da cabeça aos pés, proibir que elas bebam álcool, aprisioná-las em suas casas e ainda assim o estupro continuará a existir”, completa. A escritora reconhece que, como mãe, é totalmente a favor do que chama de redução de danos. “Com certeza vou explicar à minha filha os efeitos específicos do álcool no corpo feminino. Vou explicar como os agressores potencializam essa diferença usando a própria bebida como droga para o estupro durante um encontro e como a ingestão pesada de álcool aumenta a vulnerabilidade de qualquer pessoa a diversos problemas de segurança e saúde”, diz. E essa conversa precisa começar desde cedo. Respeitando o limite de cada criança e sem assustá-la, mas a deixando entender que, seja menina ou menino, ela tem o direito de dizer não. Não a um beijo. Não a uma bebida. Não às drogas. Não ao sexo. E é preciso ensinar também que ouvir esse não faz parte e que ele precisa ser respeitado. “E seu eu tivesse um filho? Seria igualmente clara com ele: meninas bêbadas não são ‘presas fáceis’, as escolhas equivocadas delas não são seu passe livre para o sexo. Eu lhe diria que beber demais, além dos danos físicos potenciais de longo prazo, prejudica a capacidade de os meninos detectarem ou respeitarem a falta de consentimento. Eu lhe diria que, se houver alguma dúvida sobre a capacidade de uma menina para dizer sim – inclusive se essa ideia passar pela cabeça dele –, ele deve se afastar, para sua própria segurança e a da garota.” Apesar de o livro de Orenstein ser mais para pais e mães de adolescentes do que de pré-adolescentes, por conta da idade dos jovens entrevistados, há toda uma discussão que precisa ser elaborada pela família e que pode ajudar a preparar os tweens para os anos – e as conversas – que virão.